TARDE, Gabriel. 2007. *Monadologia, Sociologia e outros ensaios*. Eduardo Vargas (ed.). São Paulo: Cosac Naify.

Guilherme José da Silva e Sá
Departamento de Antropologia/UnB

"Durar é mudar"

Monadologia e Sociologia e outros ensaios, coletânea de textos de Gabriel Tarde organizada por Eduardo Viana Vargas, está longe de ser uma despretensiosa compilação anacrônica. Livro repleto de *desejo*, as escolhas do editor refletem sua intenção. "Monadologia e sociologia", "A variação universal", "A ação dos fatos futuros" e "Os possíveis" dão sequência ao argumento situado por Vargas em sua introdução. O texto de Vargas prepara o leitor para o que virá em seguida e justifica seu recorte pela apresentação da controvérsia fundadora Tarde vs. Durkheim. Apesar de direcionar a leitura para um Tarde entre outros possíveis, a introdução serve bem de preparação para um estilo que se tornou "contraintuitivo" nas ciências sociais. Este mesmo espírito é situado por Tarde em carta autobiográfica, também contida na publicação: "Tivera, muito novo, ambições poéticas muito altas… Creio que esta aptidão não era ilusória…" (:236).

A escolha dos artigos que compõem a coletânea também reflete a clara opção do editor em aproximar a obra de Tarde das questões emergentes nos debates antropológicos contemporâneos respondendo à pergunta "Por que ler Tarde hoje?". Isto está apontado na crítica ao representacionalismo, bem como na ênfase sobre a agência dos não-humanos, a variação infinitesimal e a diferença constitutiva / no *diferir* em contraposição às teorias das identidades homogeneizantes e estabilizadas. Por outro lado, a composição do livro concentra suas atenções em um dos debates em que Tarde se envolveu: sua contenda com Émile Durkheim. Como demonstram as reações apaixonadas dos partidários de ambos os lados, esta controvérsia parece estar longe de um encerramento (se é que seria mesmo possível selar um desfecho para esta controvérsia).

Ainda que redimensionada em eventos recentes, como no colóquio "Tarde/ Durkheim: Trajectories of the social", organizado por Matei Candea na Universi-

dade de Cambridge em 2008, esta não foi a única disputa protagonizada por Tarde. Sua crítica à antropologia criminal, representada pelos italianos Cesare Lombroso e Enrico Ferri, é mais bem tratada no primeiro livro de Vargas sobre o autor francês: *Antes Tarde do que nunca: Gabriel Tarde e a emergência das Ciências Sociais* (Contra Capa, 2000). O resgate aqui deste outro duelo poderia, inclusive, lançar luz sobre aspectos aproximativos entre Tarde e Durkheim, uma vez que ambos contestavam o estatuto da medicalização do crime pleiteado pela Escola italiana, argumentando em favor das explicações sociais para a ocorrência de delitos.

Convergindo para a mesma linha de raciocínio utilizada no enfrentamento com os autores da Escola de Turim é possível situar outra polêmica, desta vez com pensadores evolucionistas, esta sim bastante presente na coletânea. Ora, se procuramos atualidade na obra de Tarde, acredita-se que este seja momento oportuno para reavivar suas críticas às linearidades que em refluxo povoam evolucionismos e determinações de tipo causa-efeito. A evolução em Tarde, ou aquilo que evolui, o que se transforma e torna-se difuso perpetua-se variando, multiplica-se *rizomaticamente*.

Se, por um lado, como argumento aqui, a obra de Tarde mantém-se atual, por outro, sua recuperação não é manifesta enquanto um fenômeno ocasional ou recente. Relegado a um papel coadjuvante dentre as leituras edificantes do processo de institucionalização das Ciências Sociais (protagonizado pelo projeto "durkheimiano"), Gabriel Tarde suscitou considerável interesse em autores de tradições e origens não menos diversificadas ao longo de nossa história intelectual. Esta genealogia pode ser apreciada nos anexos deste livro, relacionando Bergson, Deleuze e Latour. Se "Há uma tendência inevitável a explicar os encontros pelas durações, não as durações pelos encontros" (:189), é importante repensar estes encontros com a obra de Tarde, considerando sua potencialidade renovadora para as Ciências Sociais e não cedendo apenas aos impulsos de vê-los como espontaneidades fugazes na história da teoria social. Afinal, o tempo de um encontro dura quanto tempo ele nos inspira.

A propósito deste mesmo tempo, Tarde nos suscita em "A ação dos fatos futuros" (1901) o desejo de uma ciência social deslocada de uma relação (crono) logicamente determinada, linear. Seria possível adequar, enfim, nossa prática, nossas *inscrições* à imprevisibilidade da vida das pessoas? Sim, mas apenas – conclui-se – através de narrativas incomensuráveis e de tempos inconstantes, pois,

> Se a ação do passado sobre o presente nos parece muito natural, enquanto a do futuro sobre o presente é difícil de penetrar em nosso espírito, é porque, habituados a pensar no passado ao mesmo tempo que em sua ação, somos inevitavelmente levados a julgá-lo real no momento em que seu efeito, no entanto, já ocorreu. A ação do passado deve parecer-nos a de uma realidade, embora não seja mais, enquanto o futuro parece-nos o que ele efetivamente é, um puro nada (:174).

Aqui o tempo social já não evolui em direção à ordem "natural" das sequências lógicas da causalidade. O tempo em Tarde sugere esta reversão da razão causa e efeito. Reversa mas não ilógica, a abertura que encontramos em sua obra nos inspira a elevar nossas experiências etnográficas a outro plano que não o de sistemático repositório de exemplos para teorias engessadas. Revoltamos nossa antropologia para voltar às *categorias nativas*. Estes sentidos (direções, sentimentos, sensações) etnográficos, bem como as diversas teorias nativas que esmiuçamos, dificilmente repercutiriam em nossa teoria social e, portanto, tendem a mostrar-se pouco relevantes na forma como tem sido construído o social. Ora, eis aqui a implicação ontológica de fazer valer a aproximação com outras culturas, outras naturezas, outras razões, em suma, outros mundos. É preciso, desta maneira, atentar para a variação sem opor necessariamente determinado modelo alternativo a modelos hegemônicos, pois, segundo Tarde, na oposição polarizada, assim como na semelhança, trata-se de apenas um único estado da diferença. Da mesma forma que "O progresso, em suma, não é senão uma parte da mudança, uma espécie de diferença, a ordem não é senão uma espécie de liberdade, como o prazer não é senão uma espécie de sensação" (:164). E a antropologia? O que seria senão um *diferir*?

Não devemos associar a regras a variação infinita e a diferença generalizada, pois estas condições, outrora calcificadas sob a alcunha de *normas*, em Tarde devem ser vistas como *possibilidades*. Avisa: "Aliás, não confundamos o ideal com o normal; eles são inimigos. O ideal nos chama e nos arrasta para fora dos limites de nossa natureza; o normal nos retém neles. O ideal é ao mesmo tempo o privilégio e a injustiça; é a beleza, é o gênio, é a grandeza, que são anomalias" (:181-2).

A ruptura proposta por Tarde com o normal, entendido como aquilo que pode nos induzir a discursos identitários insolúveis e imutáveis, coaduna com a grande margem de mudança que vem sendo verificada na construção de nossos corpos. O normal manifesta-se ali como se o que lhe foi legado no corpo não fosse passível de mudança. Nossos corpos, assim como nossas marcas, sinais, ranhuras, cicatrizes são instrumentos de afirmação de nossas escolhas, nossas experiências. Afagos do tempo. Por meio dos corpos nos "realizamos", nos tornamos reais. Algo mais que construir representações de pessoa. Podem se inventar os corpos como inventamos nosso passado em função daquilo que imaginamos para o nosso futuro. É assim, retomando Tarde, que nosso passado deixa de ser determinante e passa a ser determinado.

O curvar do tempo e o manejo da realidade são temas abordados por Tarde em "Os possíveis" (1910). Ali, "Somos um composto de possíveis inúteis através dos quais se desenrola por algum tempo uma mesma cadeia de possíveis utilizados" (:222), pois "A realidade [...] é o que existe só uma vez e dura só um instante", logo, "O real é um dispêndio de *possível*" (:212). Mas, se mediante a instabilidade do

real faz-se uso de um repertório infinito, ou infinitesimal, de possibilidades, este se deve a um estímulo primordial: o desejo. "Pela crença o eu se distingue e distingue; pelo desejo ele se modifica e modifica" ("A variação universal" [1895:135]). Abrir mão de uma ciência social da crença e da distinção não consiste, porém, em abrir mão da ciência social. Uma sociologia do desejo, da vontade, da disposição para associar-se é o prenúncio de uma sociologia do diferir, da mudança, dos estados instáveis, ou seja, das condições. A ciência do social perpetua-se, portanto, em seu afã pela mudança: "Durar é mudar" (:136). Recusemos toda e qualquer tentativa de aproximar ruído de ruína. Ao contrário, é na dissonância que se estabelecem bases para o diálogo, assim como "É certo que a diferença produz harmonia e que, por sua vez, a harmonia engendra a diferença; e assim por diante" (:139).

Através desta disponibilidade de diálogo tem sido verificada uma aproximação entre os dois lados dos chamados "grandes divisores" de nossa disciplina. Exemplo disso é o crescente interesse pela emergência de agências não-humanas, tema consagrado pelos estudos de etnologia indígena, que assume uma nova dimensão ao ser evocado em etnografias sobre a arte, a ciência, os ambientes urbanos, a religião, a música etc. De volta à antiga controvérsia Tarde vs. Durkheim (nome difundido para significar o duelo pelo direito de diferir entre dois estados harmoniosos, ou duas formas de *possível*), mais do que inverter a máxima em que "os fenômenos sociais são coisas e devem ser tratados como coisas", pretende-se explorar como as coisas, os espíritos, os seres, os animais podem construir – em relação – a nossa experiência com o social. Admitir a agência do outro pressupõe a disponibilidade em ser afetado por outros saberes, outros projetos de conhecimento, outras experiências e outros mundos, os quais a antropologia tem sido pródiga em mapear e interpretar. O que está em jogo aqui, no entanto, é a nossa capacidade de absorver estas afecções e incorporá-las ao fazer antropológico. É preciso falar das coisas, já que é no diálogo com elas que figuram nossos sujeitos.

Isto posto, é um equívoco pensar a sociologia das associações (ou a "associologia") como uma superação de qualquer tradição sociológica. Tarde manteve-se avesso ao evolucionismo dogmático, unilinear e utilitarista, como explicita: "A melhor prova de que a harmonia e a perfeição não são de modo algum a finalidade das coisas é que, tão logo uma coisa chega a seu estado mais perfeito, ela está geralmente próxima de seu termo e a ponto de ser substituída" (:161). Se há evolução, esta não está na vida e na morte das ideias, mas na proliferação das diferenças.

Monadologia e Sociologia e outros ensaios consiste em um importante instrumento que, ao apresentar a escrita de Gabriel Tarde às novas gerações de cientistas sociais, fornece um benfazejo ruído dissonante aos debates e às obras acadêmicas, pois, como nos lembra Tarde: "Se afirmar o desconhecido é utilizar nossa ignorância, negar o desconhecido é ignorar duas vezes" (:232).